

Homenagem à antropóloga Adriana Abreu Magalhaes Dias (1970-2023)

Por Suely Kofes

Se um obituário é uma escrita biográfica, melhor seria não começar pelas datas, as convencionais do nascimento e morte. Uma vida continua nos vestígios que permanecem entre os vivos. Pelo nome, comecemos pelo nome, Adriana.

Adriana Abreu Magalhães Dias se formou como antropóloga na Unicamp. Concluiu a sua graduação em Ciências Sociais com a defesa de uma monografia baseada em uma pesquisa pioneira no tema e na “área etnográfica”, intitulada: *Links de Ódio - Uma etnografia do racismo na Internet* (2005). Com um considerável conhecimento da deep web observou postagens não reconhecíveis ao leigo, as publicações dos neonazistas, e continuou assim a sua pesquisa para o mestrado (PPGAS, Unicamp) concluído com a dissertação: *Os Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet* (2007). Finalmente, em 2018, defendeu a sua tese de doutorado: *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*.

As suas pesquisas acadêmicas, monografia, dissertação e tese, são imprescindíveis para o estudo das concepções e ações neonazistas e sobre pesquisas antropológicas na Internet. Quem faz antropologia neste campo de estudos no Brasil precisa necessariamente reconhecer seu pioneirismo e a importância de suas pesquisas.

Como ativista, Adriana radicalizou os pressupostos de uma antropologia pública: através de seus artigos, pelos debates e ações jurídicas contra neonazistas, pela coordenação do Comitê “Deficiência e Acessibilidade” da ABA, pela organização na ABA do I Seminário Nacional de Políticas Públicas para Mulheres com Deficiência, pela criação e realizações de grupos de trabalho relativos aos estudos sobre as pessoas com deficiência e na elaboração do projeto de lei para o Dia Nacional das Doenças Raras.

Ao criar o Instituto Baresi, um fórum nacional associando “pessoas com doenças raras, deficiências e outros grupos de minoria”, enfatizava a sua luta contra desigualdades e pela justiça.

Não foi possível ainda deixar-me envolver pela evocação dos nossos momentos comuns. Pela dor, mas também pelas centenas de testemunhos da vida, do trabalho e das ações políticas de Adriana, que leio desde o dia vinte e oito de janeiro de 2023, quando foi anunciado o seu falecimento. Um mês depois de seu aniversário. Adriana não apenas *pesquisou sobre e agiu contra* as redes de neonazistas. Criou um *meshwork* de afetos, tecido pelas suas lutas e pela sua generosidade. Onde quer que estivesse, no IFCH, Unicamp, em outras universidades, em reuniões científicas, em lugares aos quais era convidada a debates, no cotidiano, reivindicava condições de acesso às pessoas com deficiência, inclusive para si mesma. Como li em algumas das inúmeras mensagens em homenagem a ela, Adriana foi lembrada como pioneira também nas reivindicações de acessibilidade nos ambientes acadêmicos e com uma qualidade própria, a de insistir na resolução dos problemas.

Sensível é esta relação entre os seus temas de pesquisa em antropologia e seus ativismos, e entre estes e a sua vida, breve. Uma antropóloga, uma ativista.

Acompanhei as suas pesquisas desde a monografia de graduação até o seu doutorado. Nos separávamos no ativismo e nos aproximávamos intensamente nas leituras em antropologia, nas conversas sobre as suas pesquisas, e por um intenso afeto. Quando Adriana concluiu o seu doutorado, tornei-me uma mensageira que endereçava a ela os tantos e-mails de jornalistas e movimentos por direitos humanos procurando-me para obter o seu endereço de e-mail.

Pode-se dizer da vida de Adriana Abreu Magalhães Dias, que ela se fez distribuindo o bem e na procura da justiça. Que este seja o seu legado permanente,

Até sempre, e obrigada Adriana.